

Páginas de uma Vida

Homenagem a Alfredo da Silva

Da autoria de:

Inês Monção de Brito

Escola Secundária de Amora

Turma:9ºB

Nº12

Antes de começar sinto que lhes devo dar algum contexto, aquilo que vos escrevo é uma porta de entrada na mente de um homem brilhante, é a obra que imagino que ele faria se apontasse os seus pensamentos em sortudas páginas, a obra que o acompanharia dia após dia desde o dia em que entrou no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, o dia que com os seus 16 anos começava a escrever o seu destino, até ao dia em que saboreava este mundo vibrante que nos rodeia pela última vez.

Peço-lhes então que imaginem cada palavra desta obra, ribombando com a sua voz, desde o seu tom esperançoso, fruto da juventude, à voz forte com a rouquidão dada pelo seu gosto por charutos e pela vida.

Convido-os também a transformar cada letra destas reflexões, que agora veem tão sem vida ou expressão, na letra pontiaguda e assertiva que ele desenhava cada vez que escrevia.

Agora viajemos pela mente e vida de Alfredo da Silva, um homem que tanto nos deixou.

13 de Outubro de 1887, Lisboa

Há poucos dias comecei uma nova fase da minha vida, comecei os meus estudos no Instituto da Indústria e do Comércio de Lisboa e ainda me estou a adaptar.

É muito diferente dos Liceus, mas sinto que de certa forma foi feito para mim.

Hoje recordei-me várias vezes do meu pai, Caetano da Silva, de como os meus passos pelos corredores do Instituto o deixariam orgulhoso.

Ainda me lembro daquele momento em que o vi, naquele dia de abril, caído no chão do quarto com uma edição do Jornal da Noite na mão.

Recordo-me de como o mundo parou de girar por tanto tempo...

Lembrei-me da minha infância até àquele momento, bela, com luxos que sei que muitos não tiveram, com o seu exemplo que para sempre seguirei...

Pergunto-me porque ele teve de me deixar tão só, tão magoado...

Já me disseram que a sua memória continuaria a viver em cada uma das suas obras, em cada pedaço de madeira em que tocou e em cada vida que mudou, será verdade?

Imagino também a dor de minha mãe Emília, as lágrimas que terá contido.

Pergunto-me se estará a conter as lágrimas e a esconder a sua tristeza neste momento, neste 2º andar da Praça do Rossio, que, se não fossem as brincadeiras dos meus irmãos Ricardo e Alexandre, estaria condenado à melancolia.

Acho que terei de me despedir destas palavras por hoje, ou este papel ficará para sempre marcado de lágrimas.

15 de Outubro de 1887,Lisboa

Esqueci-me de escrever ontem, mas hoje aqui estou, neste Sábado cansativo.

Não sei porquê mas está ser uma semana em que estou a pensar muito no passado, o que é estranho porque não costumo fazer isso.

Por exemplo hoje pensei no ano que passou em que estive a trabalhar com o meu tio Alexandre na Silva & Irmão, o empreendimento dele e de meu pai.

Sei bem que o meu tio Alexandre pretendia que eu assumisse o negócio da família, porém rejeitei essa possibilidade.

Sinto que existe algo mais à minha espera.

Ele tantas vezes me contou a história da Silva & Irmão para me tentar persuadir.

Dizia-me algo como isto:

“Meu sobrinho, sei que não está na tua mente assumir este negócio, mas contar-te-ei a sua história e verás que a tua opinião mudará.

Construímos a Silva & Irmão 16 anos antes de tu nasceres, em 1856, ainda antes de ele conhecer a tua mãe, e sonhámos em criar algo de que nos orgulhássemos.

A nossa empresa, meu caro sobrinho, inicialmente tinha somente o destino da compra, venda e manufatura daquilo que estivesse relacionado com a marcenaria, uma década depois já tínhamos uma enorme expansão e comercializávamos coisas que nunca sequer imaginávamos.

Hoje até a grande Casa Real utiliza os nossos serviços.

Sabes como fizemos isso, meu sobrinho? (Na verdade nem interessava a minha resposta, ele respondia sempre)

Com coragem, determinação e empreendedorismo, meu e do teu pai...

Imagina onde tu a conseguirás levar...”

Não podia meu tio imaginar que isso só me levaria a ter ainda mais vontade de criar algo meu.

31 de Outubro de 1887, Lisboa

Hoje tive outra memória, talvez por isso finalmente me lembrei de voltar a escrever aqui.

Estava a assistir a uma aula de Física Geral e as suas aplicações à Indústria e a tomar apontamentos e dei por mim a pensar nos anos em que ainda aprendia a escrever, no lugar onde estudei, na minha família, tive recordações que nunca pensei recuperar.

Lembrei-me do nascimento da minha irmã Maria Emília, nem sei como, era tão novo, só tinha 3 anos e devo admitir que foi estranho já não ser o único, mas hoje em dia não imagino de outra forma. Ela parecia-me angelical, mas talvez provavelmente é só o orgulho que tenho da família a falar.

Naquele tempo ainda vivíamos na Rua da Vitória, mas com a família a expandir tivemos que nos mudar para aqui.

Depois veio-me à memória o Liceu Francês, onde entrei aos 6 anos, e em como me queixava tantas vezes de ter de lá ir. Não consigo evitar sorrir quando me lembro.

Obviamente as notas não eram nada de impressionante, 12 valores no final do meu curso primário, em 1881.

Simplesmente não achava interessante aquilo que aprendia, apesar de hoje ter de admitir que me é bastante útil.

Claramente não me lembro de muito daquilo que foi explicado na aula, mas estas memórias valeram a pena.

Amanhã é Dia de Todos os Santos e vamos prestar homenagem ao meu pai.

O meu pai, o meu mentor... Ele sempre me incentivou a estudar.

Porém nem ele me conseguiu fazer gostar do ensino secundário, outra vez não me identificava com aquilo que aprendia e não era muito paciente para escutar as aulas, por isso era um aluno mediano.

Se soubesse que ele me iria deixar tão cedo, que ele não sairia vivo daquela quinta amaldiçoada, ter-me-ia esforçado mais para o fazer orgulhoso... Compensarei o meu erro sendo o melhor agora.

25 de Dezembro de 1887, Lisboa

Hoje foi um dia muito especial, o dia os meus irmãos esperam há meses, os seus olhos brilharam tanto quando viram os presentes que podiam iluminar o céu de uma noite escura sem estrelas.

Honestamente não prestei muita atenção aos meus presentes, passei o dia pensativo e a ver os meus irmãos felizes a brincar juntos com os seus presentes, com umas quantas discussões quanto ao desenvolvimento da brincadeira que muitas vezes me fizeram dar risadas discretas.

A Maria Emília também se ocupava com os seus presentes, mas, um pouco mais velha e matura que os meus irmãos, não era tão clamorosa.

Devo admitir que passei o dia a sorrir... mesmo sabendo que nunca será um Natal tão completo como um dia foi.

Minha mãe também sorria, mas olhando para os seus olhos escuros eu via também uma dor latente.

Sei bem que eles não se casaram por amor, mas vejo que se aprenderam a amar. E também isso me dá um sorriso.

O ano está quase a terminar e por isso penso em tudo o que aconteceu.

Decididamente tudo começou a ficar muito mais interessante após ingressar no Instituto.

Conheci novas pessoas, e comecei este Curso Superior de Comércio, onde aprendi coisas muito diferentes de antes, Física Geral e as suas aplicações à Indústria, Língua Inglesa, Geografia Geral e Desenho de Figura e Paisagem.

Sei que tudo isto será essencial para me tornar o industrial que sempre quis ser.

Tive notas muito superiores àquelas que tinha nos Liceus e fui o melhor da minha turma até agora e vou continuar, honrando a promessa que fiz a mim mesmo e a meu pai há alguns meses.

Comecei também a escrever estas reflexões, que eram suposto serem diárias, porém só me lembro delas quando realmente acontece algo importante, por isso talvez estas páginas estejam reservadas somente para esses momentos especiais.

30 de Junho de 1888, Lisboa

Durante tanto tempo não aconteceu nada de relevante, mas hoje é especial, hoje faço 17 anos.

E de pensar que há 17 anos eu via pela primeira vez a luz do dia.

Minha mãe diz que se lembra como se fosse ontem quando num dia quente de Verão, 30 de Junho de 1871, no 3º andar da Rua da Prata onde meus pais viviam eu decidi que às 14:15 seria a hora de ver o mundo.

Ela falou-me também dos dias que se seguiram, da felicidade que eles os dois sentiam, de como o meu batismo foi belo, no dia 23 de julho daquele ano, o dia em que meu tio e Nossa Senhora da Conceição passariam a apadrinhar-me, na Igreja de São Nicolau.

Consigo ver o amor nos seus olhos cada vez que fala de nós.

Afinal somos tudo o que ela tem.

E de pensar o que já aconteceu desde esses primeiros dias... muitas alegrias, algumas tragédias...

Vivo num período de bonança e desenvolvimento industrial e, se tudo permanecer assim, será possível mudar o estatuto de Portugal como um país estagnado e importador massivo de que tanto me falava meu pai para um país desenvolvido, inovador e autossuficiente.

E estou motivado a contribuir para a construção desse país porque tanto anseio.

Sei que o primeiro passo para o fazer é cumprir a promessa que fiz, o que até agora estou a conseguir fazer, já que fui sempre muito acima da média todo o ano.

Espero que continue assim, tanto o meu percurso escolar quanto o desenvolvimento do país...

27 de Maio de 1891, Lisboa

Hoje encontrei de novo este pequeno caderno, depois de anos sem me lembrar onde o teria posto, e devo admitir que tive alguns momentos de nostalgia a folhear estas páginas.

Tenho alguma pena de não o ter à mão em tantos momentos especiais: aniversários, Natais, celebrações das mais variadas ou em momentos de incerteza.

Porém sinto-me feliz com este reencontro, pois talvez não pudesse acontecer em melhor momento, agora que tenho quase 20 anos e assumi uma das maiores responsabilidades que alguma vez tive e decididamente acho que merece estar nestas páginas.

Neste dia participei pela primeira vez na Assembleia geral de acionistas da Carris.

Representei a minha família, que possui ações desta empresa que é um marco do nosso país.

Apresentei algumas críticas à forma como queriam lidar com as contas da empresa neste momento tão frágil da Companhia.

Este clima de incerteza provém já desde 1884, porém desde 1889 tornou-se crítico.

Erros constantes, créditos que não fizeram senão deixar esta Companhia num mar de dívidas.

Certamente a instabilidade do Banco Lusitano não tem vindo a ajudar, estou certamente preocupado com ambos.

Mais preocupante talvez seja o conhecimento que estão tão intensamente interligados e interdependentes que dificilmente um sobreviverá com a queda do outro.

Olharam-me surpresos por ter uma intervenção tão crítica, penso que pensavam que devido às minha idade e pouca experiência, manter-me-ia calado ou faria intervenções irrelevantes.

Julgo que os impressionei.

27 de Outubro de 1891, Lisboa

Passei os últimos 4 anos neste Instituto no qual o meu percurso deveria ter terminado com distinção se não fosse a decisão do ilustre ministro do Reino João Franco de acrescentar um ano à nossa formação.

Escusado será dizer que acho que não é uma decisão sensata ou prática e que me oponho fortemente, simplesmente adia a nossa entrada no mundo dos empreendimentos.

Apesar de reconhecer que as disciplinas que propõem para o 5º ano serem úteis, não considero que valham o ano que nos tiram.

Por isso não o deixarei acontecer.

Já me estou a organizar com alguns dos meus colegas para protestar esta decisão, na verdade teremos uma reunião em poucos dias para tentar mobilizar os alunos do nosso curso, arranjar formas de comunicar com aqueles que têm poder para reverter esta situação absurda.

Algumas das propostas são o envio de cartas a ministros e associações comerciais e industriais e a ministros e a escrita de artigos que revelem o ridículo desta “reforma” que foi feita.

Teremos bastante trabalho, mas teremos de ser dinâmicos se pretendemos levar a nossa avante.

Estou bastante esperançoso que nestas próximas semanas conseguiremos mudar esta decisão.

Menos esperançoso estou pelo Banco Lusitano.

Ainda não intervimos, mas minha mãe já me disse que ocuparia um lugar na sua assembleia em seu nome.

A situação em que se encontra é como já disse, complicada, se quiser usar um eufemismo.

Estas fragilidades tiveram o seu início em 1867 e a luz parecia ter chegado 1871, porém em 1876, outro incrível contratempo sem fim.

Ainda hoje o Lusitano se recuperava de tudo isso, mas hoje, com a crise que está cada vez mais clamorosa, a queda nunca pareceu mais próxima.

16 de Novembro de 1891, Lisboa

Passaram-se algumas semanas e mesmo após a concretização de tudo aquilo que nos propomos a fazer, mesmo após todos os discursos, comícios, artigos e carta, mesmo após chamarmos até a atenção da imprensa, nada aconteceu.

Todos os pedidos foram negados ou ignorados.

Tudo...

Estamos então condenados a fazer todo este ano.

Mesmo depois de todos aqueles que inspirámos.

Então se completaremos este ano, novamente darei o meu melhor.

As disciplinas deste ano são: Direito Comercial Português, Marítimo e Internacional, Contabilidade Financeira, Legislação Consular, Organização e Instituições Comerciais, Comércio Interior e...

Estranho, esqueci-me.

De qualquer forma, parece-me a mim que o 5º ano pretende preparar-me para todo o contexto legal dos nossos futuros empreendimentos.

Um pouco diferentes das disciplinas dos anos anteriores mas a mim parece-me que conseguirei ser bem sucedido.

Mas de pensar que neste momento poderia estar a criar o meu primeiro empreendimento...

Não consigo evitar sentir um pouco de raiva no meu íntimo.

Hoje no Instituto ouvi uns alunos a falarem sobre isto, indignados com a decisão e a culparem aqueles que nos governam.

Começo cada vez mais a ver a ruína da estabilidade que tanto apreciava.

O progresso que o *fontismo* nos trouxe começa a desaparecer grão a grão, a cada comentário, a cada falência, deixando no fim só um monte de poeira sem significado ou futuro.

Vou admitir que temo o pior.

Acabei bem de me lembrar do nome daquela disciplina: Comércio Exterior.

28 de Dezembro de 1891, Lisboa

Neste dia, participei na assembleia geral do Banco Lusitano.

Sabia que tinha de ser assertivo, para não acontecer aquilo que aconteceu a 26 de Novembro, na minha primeira assembleia, quando os meus pedidos para que as contas fossem mostradas aos acionistas foram absurdamente rejeitados, por isso utilizei um método pouco... ortodoxo, digamos assim.

Tentaram interromper os meus argumentos vezes e vezes sem conta, tentando sempre cortar o meu raciocínio, por isso avisei que se o continuassem a fazer, a minha bengala não poderia ser apelidada de gentil.

Sabia que para além de assertividade era também necessária irreverência.

O Banco Lusitano encontra-se numa posição que nenhum jamais invejaria, com dívidas ao erário público, entrelaçado no desastre económico que é Portugal nestes dias e ainda vítima dos crimes e desvios de alguns, revelados recentemente numa auditoria.

Foi uma assembleia tumultuosa, vocal até e com muitas discordâncias.

Parece-me que terei inspirado vários acionistas que querem discutir todos os crimes cometidos.

Dirigir-nos-emos para Norte, com o objetivo de persuadir acionistas portuenses que concordem connosco.

E juntos salvaremos este Banco que parece condenado.

E sei que se o Lusitano for um dos poucos sobreviventes, a Carris também sobreviverá.

Sinto que conseguirei fazê-lo, terei de continuar a ter esperança.

8 de abril de 1892, Lisboa

Muito tempo se passou desde que tinta tocou este papel.

Nos últimos meses muito se passou.

Consegui reunir o apoio do lóbi do Porto e eles compareceram na assembleia de 6 de fevereiro que teve como objetivo discutir a demissão da então administração.

Claramente, a demissão teria de acontecer, não poderiam mais esconder a sua incompetência com truques dignos de ilusionistas.

Há seis dias atrás elegeram-me como diretor substituto do Banco Lusitano.

Hoje estudo as minhas opções.

Existem duas opções claras: a reestruturação do Banco Lusitano, uma completa purificação financeira, remodelando o quadro de funcionários e cobrando créditos antigos ou uma solução muito mais radical, tão radical que dificilmente poderá ser chamada de solução... a transformação do Banco Lusitano num estabelecimento industrial.

Devo admitir que a segunda opção não me agrada, parece-me demasiado extrema e até pode ser considerada desistência.

Mas terei de fazer mais considerações antes de o decidir.

Entretanto continuo os estudos no Instituto Superior de Comércio.

Até ao dia de hoje tem corrido como esperado, com bastante sucesso.

Dizem-me até que tenho o potencial de ser o melhor do curso.

Assim o espero.

Algo que aconteceu há já algum tempo e que falhei em registar aqui foi a minha entrada na prestigiada Sociedade de Geografia de Lisboa, pela mão de Luciano Cordeiro.

Luciano... fundador da Carris, fundador da Sociedade da Geografia e um excelentíssimo escritor.

Tenho um imenso orgulho de o conhecer.

Consegui fundar duas obras maravilhosas que sei que vão durar.

Espero conseguir fazer o mesmo.

27 de Julho de 1892, Lisboa

O meu percurso no Instituto chegou ao seu termo.

Tenho hoje 21 anos e finalmente acabei o meu percurso escolar.

Como tantos suspeitavam, fui o melhor do meu curso e serei, por isso, recompensado.

Não me importo muito com a quantia mas agradeço o reconhecimento do meu trabalho.

A promessa que fiz a meu pai está cumprida.

Porém ainda faltará muito até saber que o fiz verdadeiramente orgulhoso.

Sendo honesto, não posso dizer que tenha sido um caminho difícil de percorrer.

A indústria corre-me nas veias, faz parte de mim, completa-me, por isso cada dia que passei a aprender mais e mais nada mais foi do que um abastecer de uma força que sempre tive.

Foi um canto das sereias que não me levou ao naufrágio, mas a mares nunca navegados.

Sei bem que pelo caminho fui invejado, amaldiçoado, porém nunca essas forças me abrandariam.

E mesmo hoje que Portugal se encontra na ruína, não resistirei de criar aqui algo de que orgulhe.

A Carris ainda enfrenta as suas dificuldades porém enfrenta-as sem o medo que uma vez era certo a cada decisão tomada.

Após a queda, o Banco Lusitano ergue-se mais a cada jornada e sempre encontra oportunidades para crescer e prosperar.

Recentemente descobri uma pequena empresa devedora ao Lusitano.

A Companhia de Aliança Fabril(CAF) é, apesar do seu tamanho reduzido, uma empresa com alguma notoriedade.

Nasceu há alguns anos e ocupa-se da venda de óleos, velas de estearina e sabão e sabonete de glicerina e oleína.

Consigo sem dúvida ver muito potencial e a química envolvida fascina-me profundamente, e quem sabe? Talvez invista.

1 de Janeiro de 1893, Lisboa

Um novo ano começa hoje...

Não posso deixar de refletir no ano que se passou.

Um ano que sei que jamais esquecerei, um ano de desgraças, incertezas, novas responsabilidades e pressões.

Um ano em que muito mudou.

Um ano em que Portugal caiu, e que se pensava sem esperança.

Entramos numa outra fase, uma fase que os bancos lutam para sobreviver, mas que a indústria floresce por entre as falhas de Portugal.

Uma fase em que a autossuficiência do país não é só desejável, é a única esperança de sairmos desta escuridão que hoje nos assombra.

Não sou o único que o vê, os incentivos à produção nacional brotam menos discretos a cada dia que passa.

Mais uma prova que tantas vezes da sombra provém a luz da oportunidade.

Terei de ser destemido para a agarrar.

No ano que passou o Banco Lusitano sofreu infortúnios mil, mas hoje seguimos um novo caminho que sei que não nos desiludirá.

Também a Carris abraça uma nova trajetória, uma trajetória inovadora, uma trajetória que há tanto tempo espera, uma trajetória que passa pela eletrificação das linhas

Em Dezembro a administração convidou-me a visitar algumas capitais europeias para estudar *in loco* o funcionamento das linhas e toda a logística envolvida.

Aquelas capitais europeias que estão tão longe da nossa realidade, que prosperam e inovam sem receio.

Tenho um desejo profundo que um dia Lisboa se veja na mesma situação, uma cidade do futuro, arrojada e a crescer a cada dia.

Quem sabe? Talvez este seja o primeiro passo para criarmos essa Lisboa e esse Portugal que eu e tantos outros ansiamos por ver com nossos olhos.

Parto dentro de poucos dias e não poderia estar mais orgulhoso.

17 de Fevereiro de 1893, Lisboa

Na azáfama europeia o tempo não me deixou pousar a caneta nestas páginas.

Acabei as minhas viagens pela Europa e ainda me espanto pelo que aprendi.

Sabia que elas estavam muito avançadas em relação a nós, mas nem mesmo isso me fez sentir menos surpreso.

O mecanismo é imensamente interessante.

A energia é gerada num ponto fixo e distribuída pelos carris ou por um cabo suspenso, dependendo da cidade.

Foi inventado em 1879 em Berlim quando tiveram de substituir o sistema de tração animal.

A mim parece-me que Portugal também deveria ter substituído este sistema há mais tempo, porém claro está que o poder inventivo não foi o mesmo.

Sempre tive uma grande admiração pela cultura alemã, parece-me tão assertiva e inovadora.

Um exemplo a seguir.

O meu relatório será muito favorável a este sistema que consigo ver claramente que apresenta as mais diversas vantagens para a cidade que o aplicar.

Nestas viagens não só aprendi sobre este sistema, como também sobre toda uma cultura europeia que nos rodeia, mas que ao mesmo tempo se encontra tão longe.

Reuni-me com ilustres figuras e apreciei a arte da mais bela.

Fui absorvido pelo clima daquelas cidades vibrantes e cheias de vida, inovação e que inspiram uma nova era industrial, uma era que muitos temem e que só alguns sabem ser inevitável.

Nesta ponta da Europa encontra-se este país que, apesar da sua imponente idade, ainda tem muito que aprender.

Quase me esquecia, saído da minha viagem também decidi finalmente comprar ações na CAF. Tenho muita esperança naquela Companhia.

1 de Março de 1893, Lisboa

Visitei a CAF hoje.

A Fábrica Sol é realmente impressionante.

Não pelo que é hoje mas pelo que pode ser, pelo seu incrível potencial.

Olhando para o interior daquela fábrica não consegui evitar recordar-me da sala de laboratório do Instituto.

Libertei um sorriso nostálgico, lembrando-me daqueles dias em que era mais jovem.

Porém desvaneceu quando tive de começar de dizer a verdade.

A gerência não é a mais sensata e não será assim que a CAF alcançará o seu máximo potencial.

Olhavam-me com insegurança, que eu vi, por muito que tentassem esconder.

Quando saí da Fábrica Sol avistei a CUF, a Companhia União Fabril.

Sei bem que pertence a Henry de Burnay...

Um aristocrata de ar afável e com um brilhantismo único, um estilo de liderança que, apesar de muito diferente do meu, é bastante eficaz.

Acionista da Carris, proprietário da Henry Burnay & Cia, da CUF e acionista da... CAF.

Realmente um homem bastante poderoso.

Talvez seja prematuro pensar numa fusão, porém seria o passo lógico a tomar mais à frente.

Neste momento melhorar as contas da CAF e torná-la num empreendimento em crescimento é uma autêntica prioridade.

Terei que a tornar mais versátil, com publicidade mais original, uma empresa que mostre às pessoas que tem algo de verdadeiramente valioso para elas e para o país.

A CAF tem alguns obstáculos para ultrapassar, mas estou confiante que serão conquistados.

9 de Abril de 1893, Lisboa

Há 2 dias assumi um cargo de gerência da CAF.

A minha esperança é que a Companhia Aliança Fabril cresça nas minhas mãos e se torne aquilo que sei que tem potencial para ser.

Mas devo admitir que não é a CAF que me ocupa os pensamentos.

Os meus pensamentos são ocupados por um ser que de incomensurável encanto.

Seu nome: Maria Cristina.

Olhei para os seus olhos escuros e vi um mar de mundos inexplorados.

Olhei para os seus olhos escuros e compreendi que não a poderia deixar ir.

Compreendi que teria de ficar comigo.

E sei que não nasci poeta, contudo quando ela me olhou, senti milhares de versos dentro de mim a pedir para serem dados a ela e só a ela.

Percebi naquele momento que ela era como uma estrela cadente e que o meu único desejo para ela era que ficasse a meu lado para sempre.

A única coisa neste universo que se sobrepõe ao seu olhar é o seu sorriso.

Aquele sorriso iluminaria o céu mais negro, a noite mais escura, aquele sorriso faria as tempestades mais agrestes compadecerem-se da humanidade e irem embora numa leve brisa.

Aquele sorriso faria os mares furiosos tornarem-se calmos, aquele sorriso faria qualquer homem sentir que mesmo nos dias mais tristes, existe um porto seguro algures neste mundo.

E faz o coração deste jovem industrial tornar-se no coração de um poeta perdidamente apaixonado.

Sei que tem outros pretendentes porém também sei que nenhum a amará como eu.

Sei que tem outros planos, porém nenhuns a farão tão feliz como a vida que teremos juntos.

Sempre acreditei em fazer o meu próprio destino, mas a sua perfeição diz-me que só as estrelas nos poderiam ter juntado.

Je l'aime

23 de abril de 1894, Lisboa

Sei que estas páginas foram olvidadas por tanto tempo, porém recordo-me delas num momento tão especial.

Há 4 dias que tomei um dos maiores passos da minha vida.

Casei com a mulher que amo.

Foi uma cerimónia bela que sei que vou para sempre recordar, porém quase que me esqueci de tudo à minha volta quando a vi.

A beleza dos votos que ligam as nossas vidas é incomensuravelmente mais brilhante que qualquer coisa que nos rodeava.

Estes últimos dias têm sido quase tão belos como o seu sorriso.

Juntos e esperançosos.

Sei que a nossa vida será assim.

E apesar de ter todo o meu coração e confiança nas suas mãos, segui o caminho do meu pai, assinando um acordo antenupcial.

Alguns achariam este ato como um sinal de desconfiança ou um prelúdio da desgraça mas sei que não é nada disso.

Não diminui o amor que sinto por ela, não diminui a vida que sei que vou construir com ela. Nem nada o faria. E sei que ela o sabe.

Começaremos a nossa vida juntos em pouco tempo vivendo em Cascais.

Consigo imaginar a nossa família no futuro, juntos, com um filho que poderei ensinar a ser empreendedor, criativo e apaixonado pelo que faz.

Imagino como ele continuará a minha obra...

Sonho com tudo o que ele construirá...

Mas até lá é a minha missão construir algo de belo e forte que lhe possa deixar como legado.

Até agora sei que a tenho cumprido, hoje a CAF cresce e afirma-se no mundo empresarial cada vez mais a cada dia.

E mesmo por todas as tempestades com que este mundo ameaçar a minha empresa e a minha família, perseveraremos.

Já dizia meu tio Alexandre como tudo se poderia tornar real.

“Com coragem, determinação e empreendedorismo.”

8 de Agosto de 1923, Madrid

A última vez que toquei neste caderno era eu um jovem recém-casado.

Hoje os cabelos brancos são cada vez mais comuns, a minha figura menos esguia e a minha obra maior que nunca.

Porém sinto-me como o rapaz de 14 anos que acaba de perder o pai, agora que me despedi da pessoa que me carregou no seu ventre.

Minha mãe levou este caderno, sem intenção, quando se mudou com aquele homem que não merece jamais ser nomeado.

E hoje volta para as minhas mãos, após tantas vezes a Terra ter viajado à volta do Sol.

O reencontro com estas páginas assinala este momento de melancolia.

Não sei a razão, mas sinto que estas páginas pedem para contar a história destes últimos anos.

No mesmo ano em que deixei este caderno, deixei também o Banco Lusitano, que finalmente respirava de alívio.

Lembro-me de como tinha esperança no futuro.

Em dezembro de 1895 fui abençoado com o nascimento do meu anjo.

Não posso descrever a felicidade que senti ao agarrar a minha filha pela primeira vez.

E nestes anos posso não ter tido um filho varão, porém ela deu-me uma bela família e um sucessor que considero digno.

Entreguei a mão da minha Amélia a Manuel de Mello, um rapaz forte de boas famílias que sei que a tratará bem e continuará a construir o legado da CUF.

Já me deram os mais belos netos: Maria Cristina, Maria Amélia e Jorge.

Mesmo neste momento tão doloroso não consigo evitar sorrir a pensar neles.

Mesmo no exílio, não posso deixar de pensar nas alegrias que me dão e nas coisas que construirão.

Mas falava eu do ano de 1895...

Se bem me lembro, nesse ano passei também a dirigir a Carris, fazendo todos os possíveis para a levar a bom porto, o que incluía passar os próximos anos em conversações incessantes para instalar uma linha elétrica em Lisboa, o que finalmente aconteceu a 31 de Agosto de 1901.

Entretanto tive múltiplos papéis noutras organizações, como o Automóvel Clube de Portugal ou a Sociedade de Geografia, porém o meu foco seria sempre a minha família e a CUF, que se passou a chamar assim desde a fusão entre a CAF e a CUF, em 1898, processo apressado pelas labaredas que consumiram parte da fábrica Sol.

Os próximos anos foram de crescimento, premiações e alegrias mil.

Nesse período tentava também construir o melhor ambiente de trabalho possível, dando aos trabalhadores imensa assistência social.

Porém não foram anos imaculados de tristezas... No último dia de 1899 partiu deste mundo o meu tio Alexandre e uma década depois Henry de Burnay também deixou este mundo.

Senti uma grande tristeza pela partida daqueles homens que tanto admirava.

Nessa década comecei a ser politicamente mais interventivo, quando João Franco chegou ao poder e vi uma esperança de progresso e estabilidade.

Claro está que o criticismo dos radicais sempre nos assolou.

Lembro-me agora do dia 2 de agosto de 1906, quando um indivíduo sem moral tentou agredir Franco e eu o defendi, não conseguindo fugir às pedras que sem clemência me atingiram na perna.

Após o cruel atentado que retirou à vida ao rei Manuel e que forçou o exílio de Franco, afastei-me dos holofotes da vida política, focando-me outra vez somente no crescimento da CUF que brevemente daria um dos seus mais bravos passos.

O Barreiro.

Com o passar do tempo tornou-se no coração ribombante da CUF, a casa da nossa família cufisfa.

Investi muito naquele lugar, dando aos meus operários creches, escolas, dispensas de géneros alimentares e os mais diversos auxílios, eventualmente criando até o Bairro de Santa Bárbara para eles.

E de pensar que tenho de estar afastado de tudo isso...

10 de Agosto de 1923, Madrid

Por hoje o *Times* já me contou o suficiente sobre o mundo que me rodeia.

Achei portanto que seria a altura indicada para pegar noutras páginas.

Falava então do Barreiro, esse lugar que me permitiu ultrapassar tantas fronteiras...

Sei bem que no futuro será inevitável falar na CUF sem falar no Barreiro...

Claro tivemos os nossos momentos baixos, por exemplo, recordo-me agora dos anos de 1910 e 1911, onde as greves pareciam mais comuns do que flores na Primavera.

Lembro-me de me encontrar perplexo pelas suas queixas, de não compreender como as poderiam ter se eram tratados tão melhor que tantos neste país.

Hoje compreendo que é simplesmente assim que sempre será.

Perturbou-me tanto que passei algum tempo nesta belíssima cidade que se torna porto de abrigo em momentos de tempestade.

Felizmente logo depois veio a bonança e a CUF prosperava.

Abrimos até na Baixa um escritório de central de vendas.

Mas isso também não duraria.

Seríamos atingidos brevemente pela Guerra, que traria consigo acusações infundadas e os mais diversos problemas.

Apesar de não terem sido fáceis de ultrapassar, foi muito possível e até interessante, devo admitir.

O desfecho da Guerra ditou que me aproximasse dos americanos, o que fiz convidando o coronel Thomas Birch, seu embaixador em Lisboa, a visitar a CUF, em 1918 creio.

A meu lado esteve sempre aquele que viria a ser meu genro, Manuel, que casaria com a minha bela filha a 28 de maio de 1919, união que seria celebrada numa boda que se deu na minha casa no alto de Santa Catarina.

Foi uma cerimónia de grande beleza e provavelmente uma das poucas coisas boas desse ano, juntamente com a criação da SG.

As desgraças do ano de 1919 sobrepor-se-iam muito àquela alegria.

Nesse ano o ódio das gentes caiu sobre mim, como um relâmpago furioso sem objetivo senão a destruição.

Desde revoltas a ataques...

18 de Julho descia a Avenida Presidente Wilson, no meu Dodge, quando ouvi dois trovões tão próximos.

Era dinamite que sem piedade tentava tirar-me a vida.

Falhou.

Mas não pararam de tentar.

Ouviria outra vez trovões, porém diferentes, menores.

Eram balas que apesar de não me acertarem, tomariam como alvo o meu *chauffeur*.

Felizmente o radicalismo não conseguiria ferir ninguém gravemente naquele dia.

6 de Novembro de 1919 seria mais severo.

Punha eu o pé fora da limousine e já encontrava um revólver apontado ao meu semblante, o que o mudaria instantaneamente.

Pensei que era o meu fim, porém ouvi um som que me salvaria.

A arma encravara.

Outro criminoso atiraria um explosivo que feriria severamente o meu *chauffeur* Raul.

Sei que se deve a alguns permanentemente insatisfeitos mas não consigo evitar pensar que se deve também ao meu apoio a Sidónio Pais...

Um jogo perigoso, a política.

Prova disso foi o seu cruel assassinato e também o traumático e tumultuoso ano de 1921, onde Outubro marcou todo ano de sangue.

19 de Outubro de 1921... a tão conhecida "Noite Sangrenta", quando lunáticos radicais derramaram vermelho na noite de Lisboa.

As suas vítimas foram nada mais nada menos que o recém demitido António Granjo, Carlos da Maia e Machado Santos, mortos no Arsenal da Marinha, sem dó nem piedade.

Naqueles tempos temia pela minha vida... E tinha razões para isso.

A condessa do Cartaxo, mãe do meu genro, abrigou-me nos primeiros tempos de maior incerteza, mas depois, por mim e pela minha família, teríamos de deixar Portugal.

Mas o pior viria no preciso momento que o tentaria fazer.

Lembro-me de como uma multidão se aproximou de mim, lembro-me das suas palavras e do ódio nos seus olhos quando perguntei que queriam de mim...

“ Matá-lo ”

Mantive o estoicismo, mesmo quando me derrubaram, quando me pontapearam e agrediram brutalmente.

Mantive o estoicismo quando ouvi os mais variados insultos das mais variadas bocas e uma bala penetrou na minha carne.

Mantive o estoicismo, mesmo quando a dor era dilacerante e parecia não acabar.

Mas acabou.

Devo a minha vida a um transeunte, Carlos Rei, que hoje trabalha na CUF e sei que o fará por muito tempo.

É tudo isto que me afasta do lugar onde quero realmente estar...em Portugal, vigiando as minhas fábricas, sendo o empresário que gostaria de poder ser.

Mas não posso arriscar a minha família ou a minha vida, que ficou tão fragilizada depois de tudo.

Então espero por esse dia.

Mas muitos que dizem que mesmo nos lugares mais negros existe luz.

Naquele ano foi a CUF que cresceu e aumentou os seus horizontes.

Foi a Casa Totta que como esperava se tornou uma ferramenta indispensável para a CUF, que brevemente poderei chamar de Grupo CUF devido à sua extensão e à Companhia Unión Fabril, e ter conhecido uma mulher maravilhosa que me ajudou nos tempos de dor e crise.

Afinal é verdade...

“ Dans les grandes crises, le coeur se brise ou se bronze. ”

Parece-me que não tocarei nestas páginas por muito tempo, depois de tanto escrever.

8 de dezembro de 1937, Lisboa

As últimas palavras neste papel não poderiam estar mais corretas.

Pensava mesmo que tinha deixado este caderno naquele andar na Calle de Juan de Mena.

Hoje volto a escrever nele no dia em que o meu neto José Manuel faz 10 anos.

E de pensar que da última vez que escrevi aqui ele nem sequer tinha nascido...

Hoje levei-o à fábrica e com orgulho o apresentei como futuro patrão.

Vi no seu sorriso a sua felicidade e percebi que o futuro estava bem entregue.

Recordou-me de todas as vezes que levei o Jorge às fábricas e o apresentava orgulhoso como meu neto.

Sinto tanto orgulho neles...

Sei que serão homens honrados.

Mas de pensar que a minha família poderia ter neste mês festejado o aniversário de um outro anjo se a vida não tivesse sido cruel...

O seu nome era Maria José e dia 2 faria 13 anos, se tivesse vivido para ver o azul do céu.

Sei que ainda hoje a minha filha têm um coração dolorido do trauma.

Mas tanto aconteceu desde aí...

No dia em que ela e o meu genro fizeram 7 anos de casamento, aconteceu algo em Portugal que mudou o curso da minha vida.

Os incompetentes foram depostos e iniciou-se uma nova fase de estabilidade.

Nem sempre concordo com os métodos da Ditadura Militar, porém tenho de apreciar o facto que só através dela pude voltar para casa...

Para o meu país, para a minha família, para a minha CUF.

Claro que muitas vezes os visitei incógnito, porém só naquele início do ano de 1927 pude finalmente voltar a ser o patrão e homem de família que queria ser.

Lembro-me como o meu desespero transparecia nas palavras que enviava àquele que foi muitas vezes meu confidente Paes Borges.

Ele que comigo enfrentou comigo as tantas dificuldades com que a Casa Totta se deparou.

O *crash* da bolsa nova-iorquina atingiu a minha casa bancária como uma réplica severa de um sismo muito maior.

Nesses momentos foi indispensável a ajuda de Salazar, que tanto ajudou, providenciando créditos e tornando também a sua missão salvar o Totta, salvar a CUF.

Por isso ficar-lhe-ei eternamente grato.

Lembro-me das noites mal dormidas, do medo interior de perder tudo aquilo que teria construído, de me tornar Sísifo, condenado eternamente a empurrar um enorme peso até às alturas simplesmente para o ver rolar encosta abaixo.

Medo de perder a CUF, medo de perder a SG, medo de perder a Tabaqueira, que comecei a construir em 1927 e que teria de enfrentar a Companhia Nacional de Tabaco.

Como sempre as críticas brotaram furiosas, tantas vezes de uma forma um tanto cómica e absurda, como naquele terrível semanário “Sempre Fixe”.

Críticas que vieram mesmo no momento em que abria nada menos que 2 escolas e mesmo agora quando abro o Grupo Desportivo da CUF.

Mas elas sempre virão quando nos arriscamos a fazer diferente.

Com isso também vêm os rivais, como os Ulrich, que teimam em construir obstáculos e empresas semelhantes.

Também vieram as condecorações, como a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Industrial, que aceitei das mãos de um dos meus mais antigos operários no Barreiro, naquele dezembro de 1932, em que fui presenteado com um comovente discurso por Pelágio.

Naquele ano em que também assisti à tomada de posse de Salazar, que mais tarde me convidaria para integrar a Câmara Corporativa, porém devo admitir que nos afastámos e no ano passado tomei a decisão de renunciar ao cargo.

Nestes dias tenho uma grande alegria, o incrível e exponencial crescimento da SG, e uma grande preocupação, a Guerra Civil que Espanha atravessa e que sei que trará repercussões para a estabilidade de Portugal.

17 de Dezembro de 1941, Lisboa

Começa a parecer rotina o reaparecimento destas páginas nos momentos mais marcantes.

Hoje reapareceu para que eu possa dizer não.

Não àquela união desgraçada, não a toda a cerimónia que aconteceu ontem.

Não à união da minha bela neta Cristina com aquele homem que não a merece.

Não à união condenada dos Sommer com a nossa família.

Hoje já nada posso fazer quanto a isso, ela fez a sua escolha, mesmo depois de a avisar dos interesses que ele teria por detrás do seu pedido.

Depois de tudo o que foi construído...

Enquanto enfrentamos uma Guerra tão severa...

Enquanto enfrentamos um momento instável...

De pensar que daqui a 2 dias estarei na cerimónia de “bota-abaixo” do navio *Alexandre da Silva* e terei que esconder o meu desapontamento...

Mas quem sabe, talvez a felicidade desse dia se sobreponha à desilusão deste.

Será nos estaleiros da Rocha Conde de Óbidos, estaleiros que já me deram tantas alegrias desde o dia em que os adquiri, em 1937.

Lá estará presente o General Carmona e a sua neta.

As diversas vezes que lhes prestei assistência e estes momentos de crise tornaram-me mais próximo dos nossos governantes.

Se bem me recordo, da última vez que escrevi nestas páginas a minha relação com Salazar ficava mais distante, chegando até a renunciar a um lugar na Câmara Corporativa.

Porém em 1938 voltei.

Nem todos os esforços dos nossos governantes para mantermos uma posição neutra pouparam o nosso belo país das desgraças que esta 2ª Guerra nos traz.

Toda a economia que nos rodeia estremece e com ela também a CUF.

20 de Agosto de 1942, Sintra

Não tenho tido a força para escrever nestas páginas, porém sinto que hoje é um dos últimos dias em que terei oportunidade de o fazer.

Cada vez sinto mais o meu corpo a decair, as minhas mãos a tremer...

Tenho saudades do tempo em que o meu corpo tinha o poder de andar pelas fábricas, de fazer exercício todos os dias de manhã com o sol nascente a iluminar-me a cara, de levantar os meus netos...

Tenho saudades do tempo em que era capaz de criar os mais cativantes e apaixonados discursos.

Agora vejo-me aqui preso nesta cama, frágil, indefeso...

Até as letras que agora escrevo tremem, esquecendo-se da vigorosidade que um dia tiveram.

A minha família acompanha-me nestes dias difíceis.

A minha mulher, a minha filha, o meu genro e os meus netos, até Jorge, que se deslocou de Penafiel para Sintra por mim.

Eu quero estar com eles mas não quero que me vejam assim, que se lembrem de mim assim...

Quero que se lembrem de quando os levava às fábricas, dos risos que demos juntos, do meu entusiasmo, quero que se lembrem daquilo que construí, que cuidem da CUF, da SG, da Tabaqueira e até da Companhia de Seguros Império que recentemente criei.

Quero que se lembrem da minha vida como eu me lembro, com desgraças, muitos obstáculos, mas também de alegrias, de vitórias merecidas.

De algumas quedas, mas também com a coragem e determinação para as encarar.

Quero que se lembrem de mim como alguém inovador a quem *l'audace* nunca fugiu.

Quero que se lembrem de mim como alguém que era generoso para com aqueles que trabalhavam com ele...

Quero que se lembrem de mim como alguém que os amava muito e que amava muito este país.

Considerações finais

Alfredo morreria 2 dias depois, vítima de um ataque cardíaco súbito.

Ainda teria tempo para ter longas conversas com a sua família.

Seguir-se-iam muitas homenagens e até hoje nós lembrar-nos-íamos do seu nome.

Admirado por muitos, odiado por outros tantos...

Mas afinal...

“A maior felicidade que pode acontecer a um grande homem é ele, cem anos após a sua morte, ainda ter inimigos.”

Stendhal

A ampulheta pode ter ditado que o seu tempo acabava mas o seu exemplo vive, o de um homem que fez da dor talento e do talento inovação.

E esse exemplo vive numa realidade muito superior a qualquer relógio...

Tanto que sempre pensei nele quase como uma figura etérea, inalcançável, quase irreal...

Mas ao escrever estas páginas também compreendi uma parte mais humana dele e espero tê-lo conseguido expressar.

Agora deixo-vos com um poema que escrevi para ele, um poema inesperado mas fruto da ligação que criei com a vida dele.

Dizem que todo homem tem uma palavra
Uma palavra que habita nos seus olhos
Palavra à nascença dada
Palavra que habita na sua história contada
Que o persegue em cada jornada

Que palavra seria então
A da longa viagem
Do senhor da inovação?
Nada menos que...
Coragem

Coragem de mais querer
Coragem de sonhar
Coragem de fazer

Coragem de ser audaz
Coragem de ser capaz

Coragem para arriscar
E sem temores criar
Para Terra Lusitana mudar

Coragem de enfrentar a perda
Para criar uma alma
Que jamais ceda

Coragem para ser presente
Entendido e eloquente
Coragem para entender a gente

Coragem de enfrentar os trovões ribombantes
Cruéis, impiedosos
Lançados por mãos errantes

Coragem para não cair na tentação
Para não se perder
Na imensa distração
Que o mundo pode trazer
Coragem para mais ser...

Bibliografia

Título do livro: Alfredo da Silva e a CUF- Liderança, Empreendedorismo e Compromisso

Autor: José Miguel Sardica